

RETRATO COMPLETO DE 1980



Depois de acompanhar uma demorada polêmica que se estendeu pelo menos por um ano e meio, o brasileiro assistiu à liberação da Censura para o filme O Império dos Sentidos, do diretor japonês Nagisa Oshima, e pôde, finalmente, ver com seus próprios olhos o tão comentado filme. Alvaro Pacheco, diretor da firma que adquiriu os direitos de distribuição do filme no Brasil, considerou o fato "um marco fundamental na abertura política e cultural do País" e sua opinião não foi única: críticos, apreciadores de cinema, simples espectadores e mesmo membros do Conselho Superior de Censura reconheceram tratar-se de uma obra de arte e, como tal, um filme que não pode deixar de ser exibido ainda que algumas cenas possam chocar. Enquanto a maior parte dos entendidos e curiosos em cinema continua elogiando a sensatez da censura interligando intimamente essa abertura à abertura política, muitos ainda continuam questionando a sua situação, citando como exemplo o filme Estado de Sítio, de Costa Gravas, que ainda não foi liberado. Mas, a partir da saída dada ao filme de Nagisa Oshima, já é possível prever a mesma solução para o Estado de Sítio. Pelo menos é o que dizem os mais otimistas.



Este ano de 80, ao mesmo tempo que marcava os 30 anos de televisão no Brasil, viu também o desaparecimento daquela que fez a maior parte desta história: a TV Tupi. Uma crise de vários anos culminou com funcionários em passeata exigindo salários atrasados, protestos em Brasília, nos jornais. Dia 14 de julho a Tupi de São Paulo saiu do ar, para três dias depois o governo anunciar oficialmente a cessação das concessões. Foi aberta então a licitação para os candidatos aos nove canais de duas novas redes — até agora,

interessados continuam aguardando uma resposta do governo.



O programa TV-Mulher surgiu para ocupar toda a manhã na Globo, preenchendo o que até então não existia: um programa para atingir essencialmente o público feminino, mas de forma nova e inteligente. TV-Mulher, produzido inteiramente em São Paulo, procurou um novo esquema, com assuntos diversos: bolsa de mercadorias, culinária, economia, polícia e muitos outros. As maiores atrações: a apresentadora Marília Gabriela (foto) e o coreógrafo Clodovil.



Pouco antes de cantar Mania de Você, Rita Lee já vinha despontando como a grande estrela do rock, a mais perfeita tradução de São Paulo, segundo Caetano. 1980 viu Ritinha explodir com seu humor, sua malícia e sua sensualidade. Hoje, superlota ginásios e campos de futebol, faz as pessoas dançarem nas boates mais sofisticadas ao som de Lança-Perfume e inaugura uma das fases do show-business do Brasil, garantindo sempre bonitos cenários, bela iluminação e som perfeito. É ela, contagiando no palco.

Frank Sinatra veio ao Brasil. Acabaram-se as piadinhas que se usava contar, quando se queria falar de algo impossível: "Está certo, quando Frank Sinatra vier ao Brasil". Ele veio e estreou para 800 privilegiados que pagaram os 20 mil cruzeiros por seu show e um jantar. Mas saíram satisfeitos, pelo menos com o show. O grande momento foi mesmo no Maracanã, quando 130 mil pessoas lotaram "o maior estádio do mundo", provocando um congestionamento monstruoso. Sinatra agradou a platéia, ganhou beijo do Beijoqueiro e embarcou na mesma noite de volta aos Estados Unidos.

Cabby fez 25 anos de carreira e reviveu o clima hollywoodiano que só ele conseguia criar nos anos 50, quando era um dos ídolos do rádio, espectador das dezenas de desmaios nos auditórios, perseguido e rasgado pelas fãs na rua. Alguns dos principais compositores brasileiros como Chico Buarque, Tom Jobim, Erasmo Carlos e Caetano Veloso, fizeram músicas especiais para o seu disco Bastidores. A festa de lançamento foi no Flag, na avenida Faria Lima, São Paulo, dia 29 de outubro, meia-noite? Cabby, emocionado: dizia: "Opalco é minha vida. E parece que estou começando agora, mais maduro, cantando mais com o coração e muito melhor que antes".



O decurso dos anos aproxima o poeta da meditação sobre a sua própria extinção: assim o crítico Leo Gilson Ribeiro saudava o novo livro de Hilda Hilst, O Odes Mínimas, onde ela fala da morte. Hilda Hilst, paulista de Jaú, 50 anos, lançou este seu trabalho na segunda metade de 80. São 50 poemas "que assediam a morte como fulcro central, variando de tónica de um poema para o outro". Para os que não conheciam a poesia de Hilda Hilst, o crítico sugeria que se tomasse, então, "contato com sua erudição nada pedante, com a profundidade filosófica do seu canto, com a inquirição sempre colorida de um lirismo contagiante em torno do destino humano delimitado entre o breve gozo, o inextirpável sofrimento e a imensurável, morte, tessitura indiscernível dos dias".

Os críticos ingleses são unânimes em afirmar que Doris Lessing é a maior escritora viva de língua inglesa. E mais: que ela segue o caminho de Virginia Woolf. No ano de lançamento no Brasil do seu livro Carné Dourado (com quase dez anos de atraso), a Europa e os Estados Unidos recebem sua nova produção: o livro Shikasta. Este é o nome que conquistadores vindos de um longínquo império estelar dão à Terra. A narrativa descreve a situação do planeta após a III Guerra Mundial, quando a humanidade se destrói quase inteiramente usando armas nucleares. Este livro faz parte de uma trilogia de ficção espacial, como o crítico Leo Gilson Ribeiro prefere chamar, pois o que ela faz é uma análise filosófica e moral da relação entre os seres humanos. A trilogia é, em síntese, uma análise da história da humanidade.



Semanas antes da sua chegada, ele já era smanchete nos meios de comunicação do País. Finalmente, em maio, ele chegou: o russo Mikail Barishnikov, um dos maiores astros da dança na atualidade. Se seus espetáculos não foram de todo aceitos pela crítica, não lhe faltou desempenho e boa vontade junto à imprensa. Implacável, o crítico Sérgio Viotti, ao analisar os acontecimentos de 80 na área da dança, concluiu que os bailarinos russos que vieram mostrar sua técnica excelente nos saltos não contribuíram muito para a divulgação da dança. E não excluiu Barishnikov. Para Sérgio, importante foi a atuação do Corpo de Baile do Teatro Guaíra, de Curitiba, que contou com algumas estrelas soviéticas como convidadas especiais. Aqui em São Paulo, eles dançaram em fins de novembro a versão completa do balé O Quebra-Nozes, com a presença de Wladimir Vassiliev e Ekaterina Maximova, as grandes estrelas do Balé Bolshói.

Viotti destaca também, em 80, o trabalho do coreógrafo Luís Arrieta, do Corpo de Baile do Municipal, que, em julho, voltava à cena para mostrar dois novos balés. O crítico elogiava a sensibilidade de sua visão da dança, destacando a coreografia para Da Infância, embalado pela música de Mahler.

Ainda em julho, Piná Bausch, 40 anos, nove dos quais como diretora e coreógrafa do Teatro de Dança de Wuppertal, esteve numa pequena temporada em São Paulo, suficiente para aclamá-la como um dos grandes acontecimentos da dança deste ano. Ela e seu grupo dançaram a Sagração da Primavera, Café Müller e Pátio de Contatos, entre outros. O destaque da crítica foi especialmente com relação ao Café Müller.



Até 17 de janeiro Masp estará mostrando as obras de Sérgio Camargo — 54 peças, todas em mármore de Carrara, executadas no início de 1980 em Massa, na Itália —, considerado um dos grandes destaques deste ano das artes visuais. Estas peças são resultado de cinco anos de estudos e experimentos, aos quais o próprio Camargo não chama de esculturas, preferindo classificar suas peças como "estruturas das quais resultam formas". Essas formas são conseguidas por meio da justaposição de diversos módulos, sempre cilindros e cubos. Sérgio Camargo nasceu em 1930 no Rio de Janeiro e iniciou seus estudos de arte em 1946, na Academia Altamira, em Buenos Aires — este seu único curso regular. Dois anos depois, foi para a Europa onde conheceu Arp, Vantongello e Constantin Brancusi, seu maior influenciador. Em 1961 transferiu-se para Paris onde viveu até 1974. As peças desta sua exposição no Masp só puderam entrar no Brasil após a recente liberação da isenção de taxas para obras de arte feitas no estrangeiro por artistas brasileiros.



Três destaques no teatro: a peça Rasga Coração, o Projeto Mambembão e a volta do diretor Augusto Boal. Rasga Coração é o testamento espiritual de Oduvaldo Vianna Filho, o Vianninha, diz o crítico de teatro Sábado Magaldi, tanto do ponto de vista ideológico como formal. O próprio Vianninha dizia que com este texto prestava uma homenagem ao lutador político anônimo, à velha guarda, à geração que o antecedeu,

"que foi a que politizou em profundidade a consciência do País". Rasga Coração estreou em outubro, no teatro Sérgio Cardoso, e continua em cartaz, tendo Raul Cortez como ator principal (foto à esquerda). Entre janeiro e fevereiro, vários grupos teatrais do País estiveram em São Paulo, como integrantes do Projeto Mambembão. Todos os espetáculos (foto à direita) tratavam



de uma realidade próxima, dando autenticidade às pesquisas. "Como proposta de linguagem, plasticidade e estilo, o Mambembão representou um profundo mergulho nas fontes do País. Ele transcende o juízo artístico e vale também como importante documento sobre o Brasil", diz Sábado. A volta de Augusto Boal

(foto menor), em julho, depois de dez anos de exílio, foi saudada como "uma grande alegria para os democratas". Ele voltava à frente de um grupo de franceses, integrantes do seu Teatro do Oprimido, com variações como o teatro-imagem, teatro-foro. As pesquisas do seu teatro começaram no antigo Arena, hoje Eugênio Kusnet.